


O fazer do acompanhante terapêutico – uma revisão narrativa

The work of the therapeutic companion - a narrative review

El trabajo del acompañante terapéutico - una revisión narrativa



Jonathan Bello Gouet¹  

Katiúscia Abrahão¹  

Núbia M Maia¹  

Sandy Sena Oliveira¹  

Jaqueline Costa Reis¹  

Gabriel Domingues dos Santos¹  

Silvana Ribeiro¹  

Andrea Bottoni¹  

Tipo de Publicação: Artigo Completo

Área do Conhecimento: Área Saúde

¹ Universidade de Mogi das Cruzes, Mogi das Cruzes, SP, Brasil.

RESUMO

Objetivo: Este estudo busca compreender a evolução da atuação do Acompanhante Terapêutico (AT) desde sua criação, considerando a falta de regulamentação e a diversidade de abordagens teóricas. Visa identificar os papéis contemporâneos desempenhados por esses profissionais. **Método:** Este estudo foi realizado por meio de uma revisão narrativa, o estudo reuniu conhecimentos teóricos e empíricos relevantes sobre o AT. Utilizando bases de dados como SciELO e BVS, além de livros, a pesquisa busca uma síntese teórico-analítica. **Resultados:** O AT surge durante a Reforma Psiquiátrica, oferecendo alternativas à internação e inserindo-se na rotina do paciente. Inicialmente denominado "Amigo Qualificado", evolui para Acompanhante Terapêutico, desempenhando papel fundamental na reintegração social. A atuação interdisciplinar e a flexibilidade dos ATs são essenciais para adaptar-se às demandas do paciente. **Considerações Finais:** Apesar das dificuldades na definição de papéis, a crescente procura pelo acompanhamento terapêutico destaca sua importância na supressão de hospitais psiquiátricos. O Acompanhante Terapêutico (AT) mostra-se vital na manutenção de vínculos sociais, melhoria da qualidade de vida e suporte à estrutura familiar na sociedade contemporânea. A falta de regulamentação e a diversidade de abordagens teóricas podem gerar desafios na definição de papéis e limites de atuação do AT. Além disso, a revisão narrativa, embora síntese teórico-analítica, carece de análises estatísticas formais, sendo predominantemente qualitativa.

Palavras-chave: Acompanhante Terapêutico, Psicologia Clínica, Reforma Psiquiátrica, Mediação, Atuação Contemporânea.

ABSTRACT

Objective: This study aims to understand the evolution of the AT's performance since its creation, considering the lack of regulation and the diversity of theoretical approaches. It aims to identify the contemporary roles played by these professionals. **Methods:** This study was conducted through a narrative review, gathering relevant theoretical and empirical knowledge about the AT. Using databases such as SciELO and BVS, in addition to books, the research seeks a theoretical-analytical synthesis. **Results:** The AT emerges during the Psychiatric Reform, offering alternatives to hospitalization and integrating into the patient's routine. Initially called "Qualified Friend," it evolves into Therapeutic Companion, playing a fundamental role in social reintegration. The interdisciplinary action and flexibility of ATs are essential to adapt to the patient's demands. **Final Considerations:** Despite difficulties in defining roles, the growing demand for therapeutic accompaniment highlights its importance in reducing psychiatric hospitals. The Therapeutic Companion (AT) proves vital in maintaining social bonds, improving quality of life, and supporting family structure in contemporary society. The lack of regulation and the diversity of theoretical approaches can pose challenges in defining roles and limits of AT action. Additionally, the narrative review, although a theoretical-analytical synthesis, lacks formal statistical analyses, being predominantly qualitative.

Keywords: Therapeutic Companion, Clinical Psychology, Psychiatric Reform, Mediation, Contemporary Performance.

RESUMEN

Objetivo: Este estudio busca comprender la evolución de la actuación del Acompañante Terapéutico (AT) desde su creación, teniendo en cuenta la falta de regulación y la diversidad de enfoques teóricos. Busca identificar los roles contemporáneos desempeñados por estos profesionales. **Métodos:** Este estudio se realizó mediante una revisión narrativa que reunió conocimientos teóricos y empíricos relevantes sobre el AT. Utilizando bases de datos como SciELO y BVS, además de libros, la investigación busca una síntesis teórico-analítica. **Resultados:** El AT surge durante la Reforma Psiquiátrica, ofreciendo alternativas a la hospitalización e integrándose en la rutina del paciente. Inicialmente denominado "Amigo Calificado",

evoluciona hacia Acompañante Terapéutico, desempeñando un papel fundamental en la reintegración social. La actuación interdisciplinaria y la flexibilidad de los AT son esenciales para adaptarse a las demandas del paciente. **Consideraciones Finales:** A pesar de las dificultades en la definición de roles, la creciente demanda de acompañamiento terapéutico destaca su importancia en la supresión de hospitales psiquiátricos. El Acompañante Terapéutico se muestra vital en el mantenimiento de vínculos sociales, la mejora de la calidad de vida y el apoyo a la estructura familiar en la sociedad contemporánea. La falta de regulación y la diversidad de enfoques teóricos pueden generar desafíos en la definición de roles y límites de actuación del AT. Además, la revisión narrativa, aunque síntesis teórico-analítica, carece de análisis estadísticos formales, siendo predominantemente cualitativa.

Palabras clave: Acompañante Terapéutico, Psicología Clínica, Reforma Psiquiátrica, Mediación, Actuación Contemporánea.

1. INTRODUÇÃO

O Acompanhante Terapêutico (AT) surgiu no final da década de 60 como alternativa à psicologia clínica tradicional, cuja atuação era restrita ao consultório. O surgimento do AT não está atrelado a uma teoria, mas a necessidade de vida que o atendimento tradicional de consultório não dava conta. Tal modalidade permitia que o terapeuta se encontrasse no cotidiano do paciente, utilizando-se ambientes que antes não seria possível, como a rua, o parque, o trabalho e outros cenários da vida do paciente, permitindo intervenções e atividades que beneficiassem o paciente, favorecendo o desenvolvimento de habilidades sociais e na execução de atividades da vida diária^{1,2}.

Atualmente o AT não é uma profissão regulamentada ou uma especialização de uma área do conhecimento, mas uma ferramenta. Isso pode gerar dificuldades na definição dos papéis e nos limites de atuação deste profissional. Desta maneira, cada área do conhecimento e/ou cada abordagem teórica desenvolve suas definições e estabelece suas possibilidades de atuação³. Tal indefinição nos motiva a compreender quais são os papéis que o AT tem desenvolvido na atualidade.

Quando o AT for observado pela perspectiva da Análise do Comportamento, é possível notar que sua atuação vai estar voltada para mediação das relações entre o cliente, família, escola e equipe multidisciplinar, buscando que o indivíduo acompanhado desenvolva seus comportamentos e possa generalizá-los em diferentes contextos³. Já o AT psicanalista visa restabelecer o laço social com o outro. Para isso, é necessário que o sujeito crie uma noção de si, através de seus comportamentos, condutas, emoções e vínculos, em relação às suas condições no mundo⁴.

Pode-se observar que muitos teóricos têm se debruçado sobre o tema do AT, nos últimos anos⁵, em decorrência ao notável aumento na procura do acompanhamento terapêutico, visto que, tal busca ficou ainda mais evidente após a crise de saúde de 2019⁶. Com base no aumento da procura do serviço prestado pelo AT, este estudo tem como objetivo compreender o fazer do Acompanhante Terapêutico, compreendendo as mudanças de atuação desde seu surgimento.

2. MATERIAL E MÉTODOS

O presente estudo foi desenvolvido através de uma revisão narrativa, com o interesse de reunir conhecimentos para a investigação teórica, para além das provas estatísticas, e harmonizar os aspectos conceituais e empíricos relevantes sobre o tema, de modo que se caracterize por ser uma síntese teórico-analítica⁷. Com essa finalidade, a pesquisa foi realizada nas bases de dados da *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e Biblioteca Virtual da Saúde (BVS); como descritores, foram utilizados os termos Acompanhamento Terapêutico (AT) e Acompanhamento Terapêutico Escolar (ATE). Além disso, foram utilizados livros para aprofundar a discussão sobre a temática.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O AT surge no cenário da Reforma Psiquiátrica europeia e estadunidense⁸, com a necessidade de se criar alternativas à internação que dava assistência a pacientes psicóticos em terapias de abordagem múltipla, em equipes multiprofissionais, de modo que pudessem abordar aspectos da vida cotidiana, criando um ambiente terapêutico no qual o AT participasse da rotina do paciente⁹.

A ideia que se espalhava na época era a favor de inovações, suprimindo os hospitais psiquiátricos, uma vez que a miséria estava presente em todas as instituições manicomiais, de modo que se modificava a forma como se relacionavam com o internado, ele também modificava sua forma de interagir, tornando possível compreender que o internado tinha necessidades além da cura^{10,11}.

A princípio o AT não recebe este nome, tal função é denominada de Amigo Qualificado, mas posteriormente recebe o nome de Acompanhante Terapêutico para delimitar melhor o alcance da prática deste profissional. Sua função era acompanhar o paciente, anotando comportamentos e emoções, além de representar a instituição fora desta⁸.

O primeiro relato sobre esta prática, que mais se aproximava a proposta argentina, foi de uma enfermeira psiquiátrica Suíça, em 1937, que havia sido treinada por um psicanalista, para acompanhar um paciente diariamente. O tratamento teve seu desfecho quando o paciente conseguiu ser reintegrado à sociedade⁹.

O início da experiência do Acompanhante Terapêutico no Brasil, se deu em Porto Alegre, na Clínica Pinel, se inicia em 1960, por Marcelo Blaya, psiquiatra formado pela *Menninger Clinic* de Topeka, nos EUA, e nela eram oferecidos serviços considerados inovadores para a época, como socioterapia, grupos operativos, reuniões comunitárias e trabalho em equipe. A clínica tinha como referencial teórico as contribuições da Comunidade Terapêutica americana. A clínica passa a oferecer o serviço de um profissional que posteriormente seria nomeado de Acompanhante Terapêutico, mas na época era chamado de Atendentes Psiquiátricos, cuja função seria sair pelas ruas acompanhando os pacientes internados, a fim de mediar o contato entre o paciente e a sociedade. O Atendente Psiquiátrico seria responsável por cuidar do paciente nos mais variados espaços e atividades, como higiene pessoal, alimentação, esporte e psicoterapia^{12,13}.

Observando as características dos profissionais que atuavam enquanto atendentes psiquiátricos, a grande maioria eram estudantes de Medicina ou Psicologia, que cumpriam parte de sua formação clínica com estágios supervisionados, mas também existiam profissionais sem formação específica, que focalizavam na circulação na rua ¹².

Em novembro de 1969, no Rio de Janeiro, é criada a Clínica Villa Pinheiros, inspirada na experiência da Clínica Pinel em Porto Alegre. A experiência carioca modificou alguns detalhes, como o nome que passou a ser Auxiliar Psiquiátrico e o viés teórico, se voltando mais para a psicanálise. Nesta instituição, os auxiliares-psiquiátricos, eram predominantemente estudantes de psicologia e medicina, além de pessoas interessadas em se profissionalizar, e todos os profissionais se preparavam com curso e estágios supervisionados, ministrados na própria clínica. A equipe prestava assistência permanente, independente se estavam internados ou em regime hospital dia, além de prestarem assistência de psicólogos e assistentes sociais, às famílias dos pacientes. Eram responsáveis por administrar medicações, serem confidentes, conselheiros, egos auxiliares, além de superegos auxiliares, quando necessário ^{13,14}.

O trabalho do AT era requisitado por psiquiatras, psicólogos clínicos e psicanalistas, como alternativa à internação. Desta forma, se formavam equipes com uma média de cinco AT's, que se revezavam, até que o acompanhamento diminuía até ser interrompido, após a melhora do paciente ¹⁵.

Reflete-se sobre as novas possibilidades que se tornaram possíveis através da dificuldade em se manter as equipes, devido aos altos custos. Com isso, a atuação do profissional deixou de se restringir a uma medida de substituição à internação e passou a expandir suas especificidades, além de ter as cargas horárias reduzidas. Com isso, tornou-se comum a atuação de equipes interdisciplinares, na qual são comuns reuniões para que o caso seja discutido com a equipe geral, além de reuniões somente com os AT's que acompanham o paciente ou com o supervisor escolhido pelo profissional, para orientação teórica ou de outros aspectos ¹⁵.

3.1 Acompanhamento Terapêutico na Atualidade

Considerando que o acompanhamento é realizado no ambiente natural do paciente, alguns ambientes se tornaram comuns, como por exemplo, o ambiente escolar. A atuação do Acompanhante Terapêutico Escolar (ATE) se faz necessária de acordo com a demanda da criança, mas o destaque desta atuação se dá por conta do processo de inclusão de crianças com deficiências ou transtornos mentais no ambiente escolar ¹⁶.

Dentre as práticas do ATE é possível observar que atendem na mediação da criança com as demais crianças e outros indivíduos, como professoras, através do ensino de novos comportamentos e habilidades, como brincar funcional, comunicação, interação social e outras atividades da vida diária. Algumas dificuldades relatadas pelo ATE são a falta de flexibilidade quanto à regra e estrutura escolar e a dificuldade de interação com a equipe escolar, quanto ao direcionamento teórico ³.

O número de ATE que atendem crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) tem crescido consideravelmente, uma vez que o número de alunos TEA matriculados em classes comuns no Brasil aumentou 37,27% em um ano, segundo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio

Teixeira (INEP) ¹⁷. No ano de 2017 haviam 77.102 estudantes autistas matriculados em escolas comuns, já no ano de 2018 esse número subiu para 105.842 alunos ¹⁸.

Os acompanhamentos realizados com crianças autistas no ambiente escolar visam treinar a comunicação funcional, uma vez que o transtorno apresenta déficits na comunicação e interação social, dificultando a criança de expressar suas vontades e necessidades, aumentando a probabilidade de expressar comportamentos inadequados ou disfuncionais. A comunicação funcional também possui função de autorregulação¹⁹.

O AT não fica restrito ao atendimento do público infantil, mas acompanha também adolescentes, adultos e idosos. Seu objetivo é auxiliar o sujeito na (re)construção com o seu meio. Neste sentido, o acompanhamento ocorre na própria residência do paciente ou até mesmo nas ruas da cidade onde ele habita, conforme a demanda apresentada²⁰. O AT se mostrou uma importante ferramenta na manutenção de vínculos sociais, melhoria da qualidade de vida e até mesmo na manutenção da estrutura familiar e cuidados pessoais²¹.

É possível observar a atuação do AT junto ao Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), uma vez que essa é uma alternativa que contribui com a interdisciplinaridade e intersetorialidade entre saúde, assistência e justiça. O AT utiliza a transferência, a escuta e a imprevisibilidade, para o acompanhamento. Neste sentido, o acompanhado é quem direciona o próprio tratamento, caminhando e se movendo pela cidade. Esta característica é um elemento que forma o compromisso e a escuta qualificada. O AT junto ao CAPS se demonstra como um ótimo dispositivo para transformações no processo de desinstitucionalização, coerente com os objetivos da luta antimanicomial ⁸.

4. CONCLUSÃO

Com a presente pesquisa, é possível observar que o AT possui dificuldades na definição de seu papel, porém a crescente procura pelo acompanhamento realizado por estes indivíduos têm ganhado destaque na sociedade, justificando sua importância ao suprimir hospitais psiquiátricos, fato que caminha de acordo com a proposta da Luta Antimanicomial.

A função do acompanhamento terapêutico consiste em percorrer o ambiente em que o paciente vive, podendo sair pelas ruas, escolas, shoppings, centros de convivência e até mesmo sua residência, a fim de mediar o contato destes com a sociedade. O trabalho do AT se mostrou uma importante ferramenta na manutenção de vínculos sociais, melhoria na qualidade de vida, manutenção da estrutura familiar e cuidados pessoais daqueles pacientes atendidos pela equipe. Além disso, o acompanhamento terapêutico se mostrou de muita valia na inclusão escolar, destacando-se nos cuidados de crianças neuro atípicas, contribuindo para o desenvolvimento da autonomia e independência do paciente nas atividades pedagógicas, socialização e atividades da vida diária.

O acompanhamento terapêutico não se restringe ao atendimento de crianças, mas pode estender-se também para os cuidados com adolescentes, adultos e idosos. Neste contexto, seu objetivo é reconstruir a

interação do sujeito com o meio. O acompanhamento se mostrou importante nos cuidados pessoais, melhoria no vínculo social e manutenção com o vínculo familiar.

Contudo, apesar dos benefícios do acompanhamento terapêutico, o serviço ainda não é regulamentado no Brasil, como profissão, sendo orientado principalmente pelo referencial teórico, que delimita e orienta as atividades desenvolvidas pelo profissional. Tal questão abre precedente para discussão do papel do ATE, desencadeando discussões e reflexões sobre os limites de sua atuação no ambiente escolar ou no trabalho multidisciplinar, por exemplo.

AGRADECIMENTOS E FINANCIAMENTO

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

CONFLITO DE INTERESSES

Os autores declaram não haver conflitos de interesse. Eles são os únicos responsáveis pelo conteúdo e pela redação do artigo.

REFERÊNCIAS

1. Farhood H, Bakhshayeshi I, Pooshideh M, Rezvani N, Beheshti A. Recent advances of image processing techniques in agriculture. *Artificial Intelligence and Data Science in Environmental Sensing*; 2022. p. 129–53.
1. Venancio L, Benvenuti J. A Atuação Do Psicólogo Como Acompanhante Terapêutico Sob A Ótica Da Terapia Cognitivo Comportamental. *Revista da UNIFEBE*. 2022; 1(26).
2. Pelúcio LM, Silva JCDA, Souza RÂDA. A importância do acompanhamento terapêutico como estratégia de intervenção auxiliar á clínica tradicional. 2019.
3. Magalhães TC, Brito AG. Acompanhamento terapêutico: atuação no contexto escolar sob a ótica da análise do comportamento.
4. Cavalcante AOC, Lisboa M. Contribuições da psicanálise no Acompanhamento Terapêutico de crianças: uma revisão da Revista Estilos da Clínica. *Estilos da Clínica*. 2021; 26(3):476-493.
5. Godinho DM, Peixoto CA. Clínica em movimento: a cidade como cenário do acompanhamento terapêutico. *Fractal: Revista de Psicologia*. 2019; 31:320-327.
6. Lumbo-Dombaxe IJ. A estimulação da fala no desenvolvimento das crianças por meio das terapias psicopedagógicas especializadas com métodos clínicos durante o crescimento. *Maestro y Sociedad*, 2020; 212-222.
7. Araújo BE. Revisão Narrativa Acerca do Conceito de Ansiedade em Psicologia. *Revista Científica Gênero na Amazônia*. 2022; 22(2):59-70.
8. Melo AHB. Acompanhamento Terapêutico em um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) no município de Maceió: um relato de experiência. 2021.
9. Araújo Pitiá AC. Um olhar sobre o acompanhamento terapêutico pelo conceito reichiano de auto-regulação social. *Psychê*. 2006; 10(18):141-150.
10. Ribeiro VML. O paradigma estético de Félix Guattari. *Griot: Revista de Filosofia*. 2019; 19(1):1-24.
11. Basaglia F. Psiquiatria alternativa: contra o pessimismo da razão, o otimismo da prática. In *Psiquiatria alternativa: contra o pessimismo da razão, o otimismo da prática*. 1979; 158-158.
12. Silva ASTD. A emergência do acompanhamento terapêutico: o processo de constituição de uma clínica. 2005.
13. Reis Neto RDO. Acompanhamento terapêutico: emergência e trajetória histórica de uma prática em Saúde Mental no Rio de Janeiro. [Rio de Janeiro]: Pontifícia Universidade Católica de Rio de Janeiro. 1995.
14. Ibrahim C, Equipe de Acompanhantes Terapêuticos do Hospital Dia a Casa. Do louco à loucura: o percurso do auxiliar psiquiátrico no Rio de Janeiro. Equipe de Acompanhantes Terapêuticos A Casa, organizador. *A Rua como espaço clínico: Acompanhamento Terapêutico*. São Paulo: Escuta. 1991; 43-9.
15. Reis Neto RDO, Teixeira Pinto AC, Oliveira LGA. Acompanhamento terapêutico: história, clínica e saber. *Psicologia: Ciência e profissão*. 2011; 31:30-39.
16. Alaminos C. Fundamentos da educação especial: aspectos históricos, legais e filosófico. Indaial: UNIASSELVI. 2018.

-
17. Brasil INEP, Intermediário C. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Exame Nacional do Ensino Médio. 2019. Disponível em: https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/resumo_tecnico_censo_da_educacao_basica_2019.pdf
 18. Sant'anna AVMD, França NGD. Como ocorre o acompanhamento terapêutico com crianças autistas na escola regular: um estudo com a literatura científica. 2023.
 19. Paes BP, Rocha MM, Higueira Amato CA. Funcionalidade da comunicação e problemas de comportamento em crianças autistas: A visão do acompanhante terapêutico. Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento. 2023; 23(1):31-52.
 20. Nobre IDN, Costa Lopes RG. O Acompanhamento Terapêutico no Envelhecimento–interfaces entre Psicogerontologia e a clínica do AT. Revista Kairós-Gerontologia. 2019; 22(1):437-445.
 21. Siqueira LÁ, Maziero BR, Guazina FMN, Souto VT. O acompanhamento terapêutico como dispositivo de produção de vida: Eles Passarão, Eu Passarinho. Disciplinarum Scientia| Saúde. 2019; 20(2):365-376.